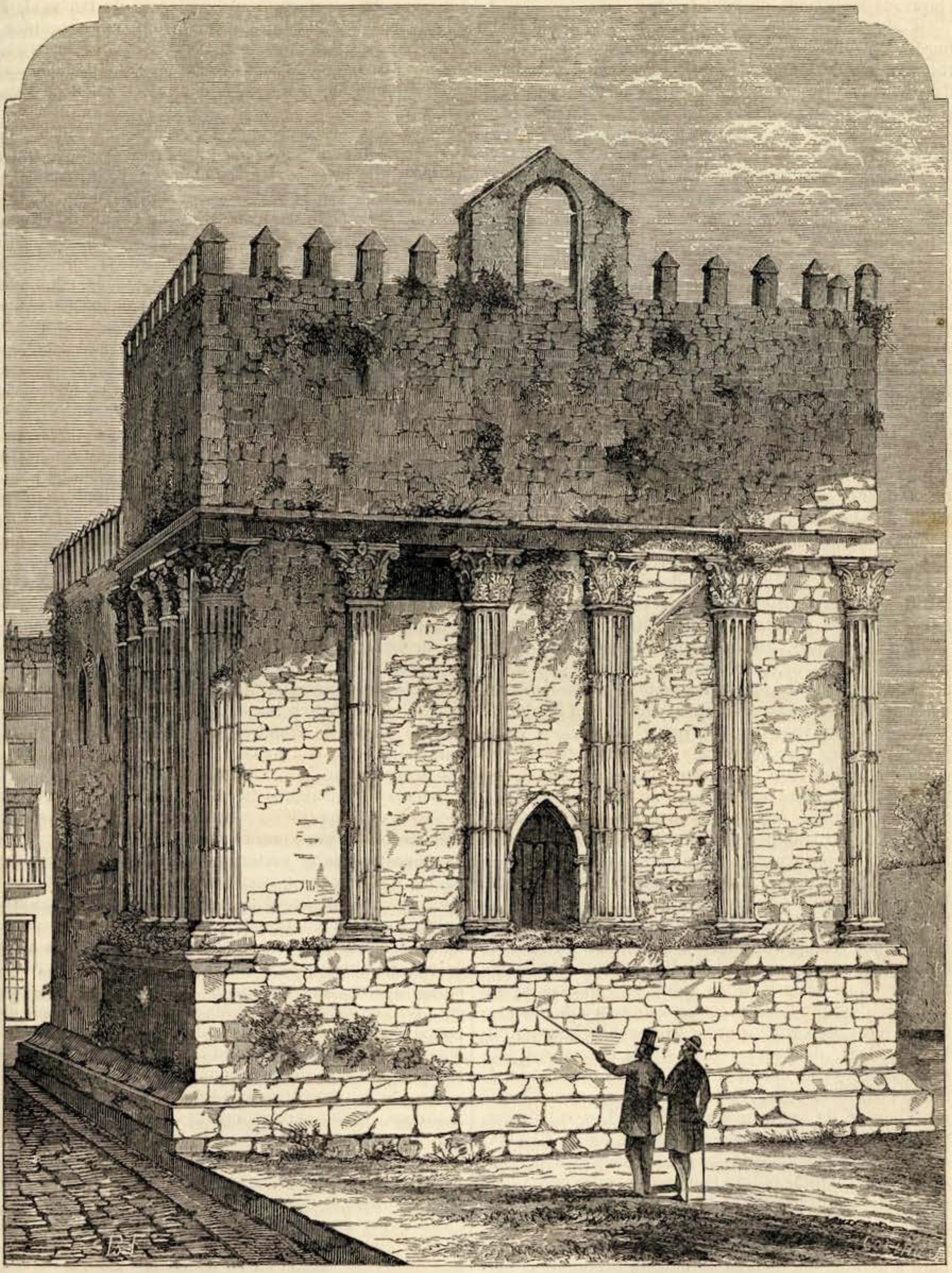


Templo romano em Evora

I

Esse grande povo que avassallou quasi todo o mundo com o esforço do seu braço, e que, ao mesmo tempo que estendia pela face da terra as suas armas victoriosas, policiava e adoçava os costumes das nações barbaras, derramando no meio d'ellas a luz e os dons de uma brilhante civilisação, deixou assignalada a sua gloriosa existencia com monumentos duradoiros, por toda a parte onde estabeleceu o seu dominio.

Não foi na Lusitania, por certo, onde a sua passagem ficou commemorada com mais esplendidos monumentos; todavia ainda levantou bastantes n'esta longinqua provincia do imperio, para se poder ajui-

zar por elles da illustração d'aquelle povo, da sua robusta organisação, do seu grande desenvolvimento nas artes, e em fim da sua ousadia em toda a sorte de emprezas arriscadas ou grandiosas.

Os alanos, os suevos, os godos, visigodos e mais nações do norte que, depois de destruirem o imperio romano, se derramaram com sanha brutal sobre todas as suas provincias, tambem na Lusitania vieram saciar nos monumentos o odio que nutriam contra a sua antiga oppressora, contra a orgulhosa Roma, então em tamanho abatimento.

Os arabes não foram menos ferozes quando invadiram e senhorearam o nosso paiz. A sua natural bruteza, e o fanatismo religioso, tambem lhes armaram o braço contra os proprios edificios.

Porém, apesar de toda essa furia assoladora, que nivelou com o solo tantas cidades opulentas, confundindo no pó numerosos padrões da arte romana e goda; apesar d'essa lucta sem tregoas durante seculos travada entre os agarenos e os campeões de Christo, muitos d'aquelles monumentos viram de pé tumultuarem em torno de si todas essas paixões, gladiarem-se esses odios, abalar-se o solo, finalmente, com o duro embate de tão cruenta guerra. E quando Portugal, expulso do seu territorio o ultimo regulo sarraceno, começou a descançar de tão longas e insanas fadigas, e a procurar no remanso da paz os elementos que haviam de constituil-o nação civilisada, conservava ainda muitos e importantes vestigios do subido ponto que attingira outr'ora na escala da civilisação. O seu solo achava-se alastrado de ruinas de cidades, que davam testimunho da prosperidade que este paiz usofruira n'esses tempos remotos. E em muitas partes d'elle se viam monumentos, uns intactos e respeitados dos seculos e dos homens, outros meio prostrados pelo facho da guerra, mas todos elles attestando de modo irrecusavel a florescencia das artes na epocha da sua fundação.

A destruição vandalica de quasi todos esses venerandos padrões da antiguidade, que assim tinham escapado aos furores e ignorancia da edade média, estava reservada para um periodo de maior illustração, de mais desenvolvimento nas artes, e de muito maior incremento no commercio e n'outros ramos da industria, e, por conseguinte, na riqueza publica.

Já Vasco da Gama tinha rasgado o véo que encobria aos olhos da Europa a carreira da India; já Lisboa, feita emporio geral dos generos e mercadorias do Oriente, campeava sobre o Tejo como rainha das cidades européas; já el-rei D. Manuel tinha ordenado ao cinzel que historiasse as venturas e glorias do seu reinado, esculpindo-as e poetisando-as n'aquellas graciosas laçarias, variados arabescos, gentis figuras, mimosas silvas, delicadas rendas e mil outras imaginosas invenções que decoram os mosteiros de Belem e de Santa Cruz de Coimbra; os templos da ordem de Christo em Thomar, da antiga misericordia de Lisboa e da matriz de Caminha; as capellas imperfeitas da Batalha; a torre de S. Vicente de Belem; o paço real de Cintra, e ainda muitas outras edificações sumptuosas, que os terremotos derrocaram; já se tinham immortalisado Affonso Domingues, edificando o mosteiro da Batalha; o grão Vasco e Campello, lançando os fundamentos para a mallograda eschola de pintura portugueza; Fernão Lopes, traçando o caminho aos historiadores nacionaes; Pedro Nunes, devassando os astros, e tomando logar entre os mais distinctos mathematicos da Europa; Gil Vicente, creando o theatro portuguez; e Camões, cantando os *Lusiadas* na sua lyra de oiro, e enriquecendo com este poema a litteratura de todo o mundo; já Portugal, finalmente, estendendo o seu sceptro sobre a Africa, a Asia e a America, se tinha sentado a par das nações mais poderosas e civilisadas, quando começou entre nós aquella especie de febre destruidora contra os monumentos da antiguidade.

Coube esta nodoa ao reinado de D. João III. Bastaria este facto, certamente, ainda que não existissem tantos outros, para provar que sob o governo d'este soberano teve principio a decadencia de Portugal. E foi o cardeal infante D. Henrique, em nossa opinião, principal instrumento d'essa decadencia, entre outras diversas razões, pela introducção no reino dos jesuitas e da inquisição, o iniciador d'aquelles actos de vandalismo.

Ao aceno d'este principe foi completamente demolido o magnifico templo de Cupido Endovelico, junto da Villa de Terena, no Alemtejo, e d'elle foram levadas noventa e seis columnas jonicas de marmore para o collegio do Espirito Santo da cidade de Evora, que o cardeal infante andava edificando para os jesuitas. O soberbo arco trimphal de marmore que Sertorio erigíra na praça grande da mesma cidade, em honra do valor dos lusitanos, pelas victorias alcançadas contra os romanos; esse precioso monumento, em que se admiravam grandes e admiraveis columnas e primorosos baixos-relêvos, depois de ter resistido á acção corrosiva de tantos seculos, e durante os quaes viu passar tantas gerações, tantos povos estranhos e exercitos inimigos, que o respeitaram, caiu tambem sob os mesmos golpes, e os seus despojos foram servir egualmente de adorno ao collegio dos jesuitas. E o palacio de Sertorio, rico de estatuas e outras obras de esculptura, já foi transformado em convento de freiras, perdendo na mudança todas as galas com que se adornava.

O exemplo de barbaridade apparecêra em logar mui alto, para que deixasse de ser visto e imitado em todo o reino. Seguiram-n'o em breve os duques da Bragança, acabando de destruir o templo romano de Terena, e os arruinados templos de Jupiter Olympico, nas margens do rio Xarrama, a pouca distancia da villa do Torrão, o de Proserpina em Villa Viçosa, e o de Venus no monte de Pomares, nas visinhanças de Evora, para edificarem com os seus despojos vários conventos e egrejas de Villa Viçosa.

Depois foram alguns fidalgos fazendo eguaes devastações n'outros edificios romanos arruinados, que ficavam perto das suas propriedades. A final, deitaram-se os povos a buscar materiaes para as suas obras nas ruinas das cidades e castellos antigos. D'est'arte desappareceram inteiramente, ou quasi de todo, alguns outros templos gentilicos, cujos restos ainda avultavam nos principios do seculo XVI, e do mesmo modo as ruinas da *Brachara Augusta* e do seu magestoso amphitheatro, de *Citania*, de *Conimbrica*, de *Nabancia*, de *Concordia* e de tantas outras cidades que ha pouco mais de seculo e meio ainda mostravam, na extensão de seus derrocados edificios, a importancia que tiveram sob o dominio romano.

Quanto foi crescendo e arraigando-se esta raiva demolidora, sabem-n'o os nossos leitores, não só pelo que lhes temos por vezes referido a este respeito, mas tambem, infelizmente, pelo que estão vendo a cada passo, pois que ainda actua sobre nós essa doença de que enfermou o nosso corpo social.

Ao cabo, porém, de todas estas considerações occorrerá naturalmente a quem nos ler uma pergunta: — Como póde conservar-se de pé até aos nossos dias o templo romano de Evora, atravessando tão variadas e adversas vicissitudes, e resistir ao embate de tantos e tão encarniçados inimigos? — Responderemos com a breve e pouco clara historia do monumento.

Teremos de andar perdidos por falta de luz, logo no principio d'esta historia, em dois logares escurissimos d'ella; pois que é assumpto duvidoso tanto a epocha da sua fundação e o nome do fundador, como a divindade a quem era consagrado.

Pretendem alguns escriptores que fôra edificado por Sertorio pelos annos de setenta e tantos antes do nas-

cimento de Christo, e por elle dedicado a Diana, que era a divindade da sua maior predilecção e culto especial. Outros auctores querem que este templo seja construcção mais moderna, isto é, do tempo dos imperadores romanos. E accrescentam, que não se sabe a qual dos deuses da gentilidade era consagrado, não existindo fundamento bastante para se crer que o fôra a Diana.

Na falta absoluta de documento auctorisado, forçoso é recorrer ás conjecturas, não para resolver a questão, mas, pelo menos, para reunir o maior numero de probabilidades. E com effeito quasi todas estas são a favor dos que attribuem a fundação do templo a Sertorio.

A este illustre chefe dos lusitanos deve, sem dúvida, a cidade de Evora o seu maior esplendor na antiguidade. Abonam esta asserção as primeiras muralhas com suas torres, que a cingiram e defenderam; o grande aqueducto, que a abasteceu de agua; o soberbo arco triumphal e a visinha fonte, que a adornavam; e o proprio palacio de Sertorio, que a ennobrecia pela sua tão encarecida ornamentação esculptural.

Ora se o célebre capitão romano assim dotou e aformoseou Evora com variados monumentos, como se póde acreditar que deixasse de construir um templo digno da sua munificencia, e em harmonia com os edificios sumptuosos que erigíra, sendo os romanos tão aferrados á idolatria, sendo educados na pratica de uma religião affeiçoada a lisonjear os sentidos e a exaltar as paixões pela magnificencia dos templos, pelo luxo e apparato das ceremonias, pela personificação das divindades, e pelos dotes, qualidades e costumes que a estas eram attribuidos?

Se na ausencia de documentos tem valor as tradições, uma antiquissima tradição, passada de paes a filhos, acceita e repetida por varios escriptores tambem antigos, diz que Sertorio fizera conduzir a agua do grande aqueducto que edificára, primeiramente ao atrio do *seu templo de Diana*, d'onde corria depois para o chafariz que construíra junto ao arco triumphal, erecto na praça maior da cidade.

Os que seguem a opinião contraria contestam todas estas razões, apresentando um argumento que não é destituido de força. Os capiteis das columnas do templo, dizem elles, mostram uma perfeição artistica a que os romanos ainda não tinham chegado no tempo de Sertorio. Entretanto, posto que não se possa duvidar de que o grande desenvolvimento nas artes, que fez uma das maiores glorias de Roma, seja muito posterior a Sertorio, será difficil decidir se a esculptura simplesmente de ornato ainda não tinha attingido, na epocha em que viveu aquelle capitão, o grau de aperfeiçoamento que se observa nos capiteis das columnas do templo de Diana. A estatuaria, essa sim, ainda estava distante do periodo em que brilhou com tamanho esplendor. Porém á esculptura de ornamentação já a esse tempo tinham dado grande impulso os artistas gregos estabelecidos em Roma.

Diremos, pois, em conclusão, que, se não se póde demonstrar que foi fundador do templo o bravo capitão, que á frente dos lusitanos os ajudou a defender a independencia da patria contra os poderosos exercitos de Roma, tambem não se póde afirmar que o monumento desminta por si tal origem.

II

Deve o templo o estado de conservação em que se acha a ter sido aproveitado pelos moiros e christãos para diversos misteres. Os primeiros fizeram d'elle a sua principal mesquita durante os quatro seculos e meio que, com curtas interrupções, occuparam a cidade de Evora, desde o anno de 716 em que a conquistaram aos reis godos, até 1166 em que Giraldo sem pavor a tomou por entrepresa para a restituir á fé christã, entregando-a a el-rei D. Affonso Henriques. Os segundos, devemos suppor com bom fundamento, purificaram-n'o e converteram-n'o em templo christão. Foi esta a pratica usada na conquista de todas as terras de moiros; e era uma necessidade para os vencedores, pois que não se edifica repentinamente uma egreja, e um impulso natural os levaria a renderem graças ao Altissimo pela victoria alcançada.

Estas mesmas razões nos fazem crer que os moiros e os portuguezes seguiram, n'este ponto, o exemplo dos godos. Só assim estes ultimos respeitariam o monumento romano; porquanto o sentimento que mais os impellia na sua invasão na Lusitania, era o desejo de anniquilar tudo o que recordava o nome e o poder de Roma.

Não sabemos quando foi despojado das honras do culto christão o templo romano de Evora, depois da conquista de Giraldo sem pavor. É provavel que fosse no anno de 1204, em que o bispo D. Paio concluiu e consagrou a visinha sé, começada em 1186, deixando a chamada *sé velha*, que não podia ser outra que o templo romano.

Parece que no seculo XIV servia de celeiro o templo de Diana. Disse-nos que achára esta noticia em um documento antigo do archivo da cathedral o fallecido conego da mesma sé, D. João da Annunciada, homem de variada instrucção e de muita applicação, que foi por alguns annos governador do arcebispado de Evora, e que tinha sido, até a extincção das ordens religiosas, conego regrante de Santo Agostinho, no mosteiro de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, onde regia a cadeira de rhetorica.

Quanto tempo serviu de celleiro aquelle edificio; que destino lhe deram depois; quando estabeleceram n'elle o matadoiro publico, é o que inteiramente ignorâmos. Havia, porém, muitos annos que estava reduzido a este ultimo e miseravel serviço, quando em 1836 o sr. Antonio José d'Avila, hoje conde d'Avila, sendo governador civil do districto de Evora, livrou o monumento romano d'aquella affronta, e a cidade de uma grande vergonha, tirando d'alli o matadoiro, e entregando a chave do edificio á camara municipal. Esta, porém, infelizmente, não secundou o acto da auctoridade administrativa, não diremos procurando restaurar o monumento, mas, pelo menos, removendo do interior d'elle os tanques de cortumes e mais construcções que o obstruiam.

Assim ficou o templo de Diana fechado, mas conservando internamente o aspecto repugnante de um matadoiro immundo.

III

Evora está sentada em uma planicie, mas no coração da cidade ergue-se uma pouco elevada collina, sobre a qual estão edificados o paço archiepiscopal e a sé, que lhe fica contigua; o antigo palacio dos marquezes de Ferreira, duques de Cadaval, e junto d'elle o extincto convento de S. João Evangelista, que pertenceu á congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista; e defronte d'este, do outro lado da rua, o templo romano, geralmente denominado de Diana.

Acha-se o monumento bastantemente alterado na sua architectura primitiva. Da obra romana sómente conserva o portico, se tal nome se póde dar á parte do edificio ornada de columnas, desde o envasamento até á architrave que assenta sobre os capiteis das mesmas columnas. Tudo o mais é obra dos moiros, exceptuando apenas o corpo mais alto e central da fachada, onde se vê uma como janella, que parece ter sido alli construida para servir de torre de sinos,

e n'este caso devemos suppor que foi um accrescentamento feito logo depois da conquista da cidade aos moiros, quando os conquistadores converteram a mesquita em templo christão.

Aquellas muralhas ameiadas, com que os sarracenos coroaram a sua mesquita, tinham por fim fazer d'ella tambem uma fortaleza, para, em ultimo extremo, d'alli defenderem a liberdade e a vida. E era esta egualmente a prática dos christãos durante essa longa e porfiosa lucta, como já por vezes temos referido.

Não é facil determinar a fórma primitiva do monumento romano. Em nossa opinião, e a julgar pelo que d'elle nos resta, cremos que formava um quadrilongo, tendo a entrada na fachada opposta á que a nossa gravura representa. Dá fundamento a esta idéa a falta de escada n'esta ultima frontaria, pela qual se devia subir para o portico ou vestibulo. A parte inferior do envasamento, resaltando para fóra, tanto n'esta frente como nas lateraes, prova de modo incontroverso, que nunca ahi houve escada.

A porta que se vê entre as duas columnas centraes, aberta no panno de muro que une as mesmas columnas, foi feita, ao que nos parece, pelos proprios edificadores da torre que lhe fica superior. Entrava-se para esta porta subindo dois ou tres degraus de pedra, que se encostavam ao envasamento, e que não tinham mais comprimento que a largura da dita porta. Então achava-se soterrado quasi todo o envasamento, sendo apenas visivel a parte correspondente aos mencionados degraus.

Deve-se esta obra de desobstrucção do templo a el-rei o sr. D. Fernando II, quando visitou a cidade de Evora com a rainha, sua augusta esposa, a sra. D. Maria II, de saudosa memoria. Tendo notado aquelle soberano que o edificio se achava certamente muito enterrado, tratou-se logo depois de rebaixar a rua que passa ao lado d'elle, e o pequeno largo para onde deita a fachada de que temos tratado. Assim se descobriu todo o envasamento.

Foi pena que as obras se limitassem a isso, deixando ficar o muro que obstrue as columnas. Estas deviam estar na sua primitiva desaffrontadas, e guarnecendo, talvez, pelos quatro lados do edificio uma galeria aberta, ou vestibulo, que correria em volta das quatro paredes interiores do templo. Presumimol-o assim á vista do que resta do monumento romano, e em attenção a outros templos de architectura identica, de que ainda nos estão mostrando tantos modêlos a Grecia, a Italia e a França. Tendo o de Evora tres fachadas guarnecidas de columnas, não sendo qualquer d'ellas a frontaria principal, como acima demonstrámos, não aventurará um juizo temerario quem disser que esta ultima deveria ter, provavelmente, o mesmo genero de ornamentação. Dizemos *provavelmente*, porque existem ainda de pé alguns templos gregos e romanos com a entrada em um corpo de paredes lisas, e só ornadas na parte superior com frisos guarnecidos de esculpturas, tendo outro corpo posterior, e mais largo que o primeiro, circundado por uma galeria aberta, e sustentada por caryátides, sem communicação com o interior do templo, mas accessivel por meio de escadas praticadas nas duas extremidades da galeria, ou sendo esta baixa por meio de simples aberturas nos envasamentos lateraes.

As columnas do templo de Evora, de ordem corinthia, e lavradas em canelluras, são muito esbeltas e formosas. Em altura e diametro serão eguaes ou pouco inferiores ás columnas que sustentam o vestibulo do theatro de D. Maria II, em Lisboa. São de alvissimo marmore da serra de Ossa, vulgarmente chamado de Estremoz, que é o que mais se assimilha, d'entre os marmores de Portugal, ao de Carrara. Os capiteis estão lavrados com muita perfeição, e acham-se admiravelmente bem conservados, não obstante a delicadeza da esculptura e dezenove seculos de antiguidade. São dezeseis as columnas, repartidas pelas tres frentes. A muralha que as une, apesar de ter bastante espessura, deixa-as tão a descoberto pela parte interior do edificio, como pela exterior.

Algum friso mais ou menos ornado de esculpturas, com o seu frontão de tympano liso, ou lavrado de altos relêvos, deveria ser, pouco mais ou menos, o remate do templo romano.

O corpo do edificio que faz seguimento ás columnas, tambem com a sua coroa de ameias e com janellas ogivaes, é certamente construcção dos moiros, levantada sobre o envasamento romano. Na fachada fronteira ao paço archiepiscopal tem um portal como o que se vê na frente opposta, entre as columnas. É egual a este na fórma e singeleza, porém mais alto e mais largo.

Interiormente nada conserva da sua primeira fabrica. Os que o apropriaram aos usos de outra religião, para lhe darem mais largueza, derrubaram-lhe as paredes interiores, e fecharam com muros os vãos das columnas. E quando alli se estabeleceu o matadoiro, entulharam o edificio desde aquelle portal até ao fundo, um pouco acima das bases das columnas, construindo uma calçada com o necessario declive, para dar saída ao sangue das rezes e aos despejos dos tanques de lavagem e cortumes, que corriam direitos ao dito portal.

Foi ainda n'este estado que vimos o edificio, quando, ha bastantes annos, visitámos a cidade de Evora. Não sabemos se desde então alli houve alguma mudança.

Parece incrivel que se passem annos sobre annos, sem que se tomem providencias para salvar da ruina, ou das affrontas e deturpações que lhe tem feito, os monumentos historicos e artisticos de Portugal! De quantas perdas não é causa esta incuria, representando os monumentos, como na verdade representam por tantos modos diversos, um capital valiosissimo! E a quantas vergonhas não nos expõe este condemnavel desleixo, em uma epocha em que os caminhos de ferro vão pondo em facil e breve communicação as principaes terras do reino, e em que o nosso paiz está sendo cada vez mais visitado de estrangeiros!

Mas como não ha de ser assim em um paiz, onde se exige que o governo faça tudo! Pois não devia, e não podia a camara de Evora, a quem este notavel edificio se acha confiado, proceder á sua restauração, ou, pelo menos, ás obras necessarias de reparação? Se os cofres do municipio não lhe permittem essa despeza, não seria difficil obter por meio de subscripção as quantias precisas, que, sem dúvida, não hão de ser avultadas.

O monumento merece que se faça a bem da sua conservação algum sacrificio, pelo muito que ennobrece a cidade como padrão de tão remota antiguidade, e como monumento historico e artistico. Para que deva ser muito apreciado não só pelos eborenses, mas tambem por todos os portuguezes, basta-lhe a prerogativa de unico no seu genero em todo o reino.

A cidade de Evora está entrada, felizmente, no caminho dos progressos ao cabo de tantos annos de apathia e inanição. Já no anno passado a sua camara pediu ás cortes auctorisação para contrahir um emprestimo, destinado a diversas obras de utilidade, de aformoseamento da cidade e de reparação e conservação de alguns monumentos. Esperâmos, pois, que não tardará a estender a sua attenção e sollicitude ao padrão da epocha mais gloriosa da cidade de Evora.

A nossa gravura é cópia de uma photographia. O edificio que apparece no fundo, por detraz do templo romano, é o palacio dos arcebispos.

I. de Vilhena Barbosa.

## BRASIL

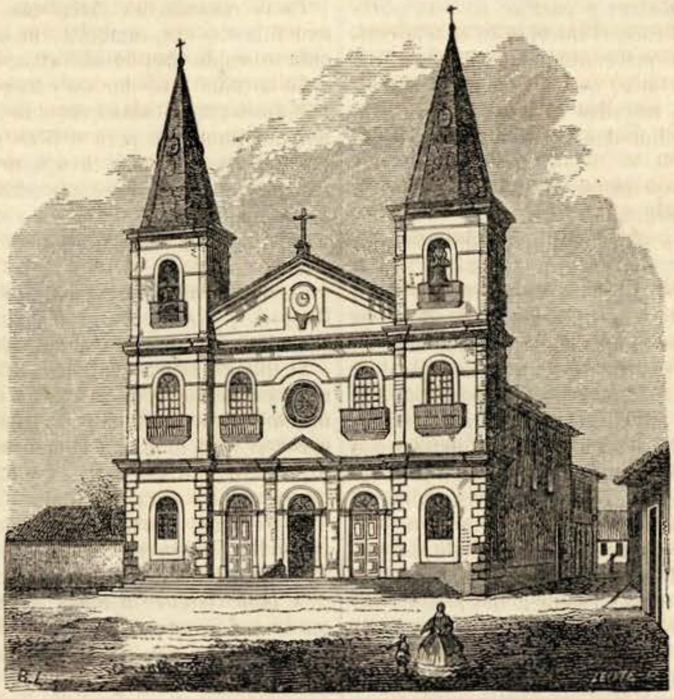
### A EGREJA PAROCHIAL DE JACAREHY

Por todo o solo do vasto imperio brasileiro deixaram os padres da Companhia de Jesus signaes da sua passagem. A cruz, symbolo da redempção do genero humano, foi o brilhante phanal que o missionario jesuita levou por entre os longinquos sertões, e sob seu clarão benefico lançaram os fundamentos da maxima parte das cidades, villas e povoados que hoje formoseiam o Brasil.

Ao paulista audaz, levado pela ambição nobre das descobertas, apontava o missionario regiões novas, escondidas além de alcantiladas montanhas ou densas mattas. Então o aventureiro, robustecido pelas palavras do ungido do Senhor proferidas diante da magestade da natureza, ainda com todo o seu esplendor primitivo, atirava-se a esses mundos desconhecidos, e, sempre docil á voz do missionario, plantava a cruz onde vinham admirados escutar as verdades evangelicas os filhos do deserto e os descendentes de Tebericá.

O viajante que caminha da cidade de S. Paulo para o norte da provincia, vae margeando o rio Tieté até encontrar encostas de altas montanhas, d'onde nascem veios de agua que, juntando-se ora aqui ora alli, vão mais adiante, como grossas arterias, constituir esse grande rio.

Transposta essa cordilheira, formada pelos ultimos degraus da serra da Barra, entra o viageiro em um valle extensissimo, banhado pelo magestoso rio Parahyba, que, tomando uma direcção opposta á do Tieté, vae com o brando sussurrar de suas ondas fecundadoras, e beijando a doirada areia de suas luxuosas



Egreja parochial de Jacarehy

margens, confundir o enorme volume de suas aguas com as do oceano Atlantico, ao norte da capital do imperio.

No logar onde o Parahyba faz a grande curva para retomar a sua primitiva direcção de nordeste, está edificada a cidade de Jacarehy, a 70 kilometros de S. Paulo. É cabeça de comarca; possue muitas e lindas casas, avultando entre ellas os elegantes palacetes dos srs. barão de Santa Branca e João da Costa Gomes Leitão; uma extensa e airosa ponte de madeira, assente em pilares de cantaria, lançada sobre o Parahyba em frente da cidade; e, se uma lei da assembléa legislativa provincial não for um simples projecto, em breve teremos um ramal que nos ligue com o caminho de ferro da capital.

A principal producção do municipio é o café, que exporta em grande escala, e hoje o plantio do algodão vae tomando avultado desenvolvimento, de modo que em breve Jacarehy será um grande exportador d'essa materia prima para os mercados da Europa.

Jacarehy tem um hospital de caridade, onde são tratados gratuitamente mais de dez doentes diariamente. É digno da attenção dos philanthropos este estabelecimento, que subsiste unicamente da caridade do nobre povo d'este municipio, sem que para isso quota alguma avultada tenha sido dada pelo governo. A caridade é tão bem comprehendida n'esta terra, que cada um dos moradores abastados ou remediados leva a sua esmola á bolsa do hospital quasi diariamente, resultando de tão generosos esforços que muita dor tem sido consolada, muita lagrima enxuta e muita ferida cicatrizada.

Os jesuitas vindos das campinas de Piratininga marcaram a sua passagem com o estabelecimento de povoações; assim, logo adiante de S. Paulo fundaram nos campos de S. Miguel um aldeiamento de aborigenes; depois seguiram á Itaquakecetuba, onde edificaram um convento para catechese; e d'ahi seguiram até S. José, onde fizeram o mesmo.

No anno de 1652 começou o povoamento de Jacarehy, que se acha situada entre S. José e Itaquakecetuba, dois povoados dos jesuitas. Oriunda dos forasteiros que vieram de Piratininga, ou dos que voltaram de S. José, diz o historiador brasileiro Machado de Oliveira que Jacarehy fôra dada em feudo a D. Diogo de Faro e Sousa.

Em 1654 foram lançados os alicerces da egreja matriz d'esta cidade, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Nada se sabe da edificação da primeira egreja; e no livro do tombo só consta que em 1654

teve começo esse edificio, no reinado de D. Affonso VI. Esta declaração foi escripta pelo vigario João Martins Bonilha em 1747, sendo bispo da diocese D. Fr. Antonio da Madre de Deus. Porém em que fonte bebeu o padre Bonilha tal noticia, é o que se ignora, pois do estudo feito nos livros da egreja e dos cartorios nada consta. É provavel que as narrativas dos velhos moradores d'este logar fossem as fontes d'onde o chronista Bonilha se firmou para escrever essa data do principio da egreja.

Seja como for, o certo é que a egreja actual não é a edificada em 1654, e até é mesmo duvidoso que o local seja o em que ora está, como o demonstra a descripção que fez o padre Bonilha da primeira egreja.

A estampa representa a frontaria da matriz actual. Não é um monumento que, por grandeza ou luxuosa construcção, deva ser conhecido dos leitores do *Archivo*. É, porém, um templo decente, onde os officios divinos são celebrados com brilho e magestade.

Esta frontaria é de pedra; e custou, só esta parte do templo, 60:000$000 réis. O interior da egreja consiste em uma só nave, que contém lateralmente tres altares, e mais o altar-mór, que é notavel pela elegancia com que foram traçadas as suas linhas, pelo delicado trabalho de talha das cornijas, flores e columnas.

Tem a egreja o comprimento de 54$^m$,25, sobre a largura de 22$^m$,33, e altura de 22$^m$.

Ha n'este templo dois objectos dignos de attenção. O primeiro é uma custodia de prata massiça, perfumada de oiro, pesando 8 libras e 29 oitavas. E' obra artistica de subido valor. Fórma essa delicada peça um pequeno templo com quatro columnas que sustentam uma coroa régia. Dentro do templo ha um altar onde se colloca a sagrada hostia, tendo esta peça por base outra formada de anjos, flores e grinaldas de folhagens. O que se nota n'esta pequenissima peça é o trabalho artistico, que é uma maravilha de primor. Só um elevado talento, auxiliado por extraordinaria paciencia, poderia conceber e realisar um artefacto em que o artista soube alliar a difficuldade do trabalho com a unidade do pensamento.

D'onde veiu esta custodia? Quem a deu? Estas interrogações vem ao espirito de todos os que examinam com particularidade esta peça magnifica.

Infelizmente, não ha noticia positiva do modo por que a matriz adquiriu tal joia. A tradição conta que a rainha D. Maria I fez presente á irmandade do Sacramento d'esta peça; porém, revendo-se o livro do «Tombo da Fabrica», alli vem já mencionada a existencia d'essa mesma custodia no anno de 1747; portanto, não foi essa soberana quem fez o mimo, visto ter começado o seu reinado em 1777, isto é, muito tempo depois da irmandade possuir a custodia.

É provavel que fosse dadiva de D. João V, D. Affonso VI, ou mesmo D. Pedro II, que reinaram entre os annos de 1656 a 1750.

O segundo objecto digno de attenção que existe na matriz, é um altar dedicado á Santissima Trindade, chamado de Pedro V, que os subditos portuguezes residentes n'esta cidade mandaram erigir quando falleceu esse desditoso e digno monarcha.

DR. J. FLORIANO DE GODOY.

---

## A MADRASTA

### (CONTO POPULAR)

I

—«Não te perdôo, não!... Has de levar! hei de matar-te!

—«Ai, ai!... perdão, mamã! Estarei socegado!»

— Que tens? Enchem-se de lagrimas os teus olhos, e as tuas rosadas faces tomam o carmesi dos cravos.

— Pois não ha de indignar-me ver maltratar tão cruelmente esse innocente menino!

— Tens razão, minha amiga.

— Essa mulher tem entranhas de fera e não de mãe.

— Mãe! não profanes um santo nome, suppondo que essa mulher o merece. A que assim maltrata um anginho, não póde ser mãe; as que o são, podem castigar os seus filhos, mas não barbaramente. Ouve: Meus irmãos e eu chegavamo-nos muitas vezes a meu pae mostrando-nos tristes e chorosos.

—«Que é isso? — perguntava-nos elle.

—«A mamã bateu-nos! — respondiamos.

—«Como foi isso? — dizia-nos meu pae rindo. Vejâmos, tem algum osso partido?

Minha mãe, que ouvia em outra casa, exclamava:

—«Hei de matal-os!...

—«Pois sim, sim, murmurava meu pae: castigo de mãe nem quebra osso, nem derrama sangue.»

Estas recordações fazem-me pensar nas mães que tem filhos e que matam... as gallinhas das capoeiras para o caldo das criancinhas logo que ellas denunciam a mais leve dor de cabeça.

Pobres mães! antes, santas mães! que para o mal tem só lingua, e para o bem mãos, alma, coração e vida, e ainda isto se lhes figura pouco!

Verás até onde chega a maldade das mães:

—«Rapaz, tirar-me-has a vida!

—«Deixe-o, visinha, que bem sabemos o que são crianças.

—«Que o deixe! Só quando não tiver osso inteiro. Disse-lhe, visinha, que o matava, matal-o-hei sem remedio! Ensino-o por uma vez!»

O rapaz ouve a sentença de morte encostado á parede proxima, com a cabeça baixa, arrancando distrahidamente um botão, ou limpando as lagrimas com o reverso da mão, ou com a manga do vestido; mas o verdugo, em vez de ir executar a sentença, vae preparar a mesa para o jantar.

—«Vamos, venha comer, *meu senhor*.

—«Não quero jantar.

—«Melhor; não te fará mal.»

A mãe senta-se á mesa, começa a jantar, apparentando satisfação, mas a dor é grande, e, a final, atira com a colher á mesa, e levanta-se exclamando:

—«Não posso jantar! Anda comer, filho, e espero não tornar a dizer-t'o.

—«Não tenho vontade. Doe-me a cabeça.

—«Vês o que resulta das tuas maldades?»

A mãe corre afflicta para o filho, como se este se achasse em perigo de vida; observa demoradamente o anginho; enxuga-lhe as lagrimas com o avental; beija-o; põe-lhe um lenço com agua e vinagre na testa, e como o menino está enfermo e não póde comer do que está na mesa, dá-lhe sua mãe uma golosina das que guarda na dispensa para casos similhantes.

Ella é quem verdadeiramente padece.

Ora ahi tem o que são as mães... as mães que não deixam osso inteiro...

Mas essa mulher que castiga com a palavra e com a acção, não é mãe: essa mulher é madrasta.

Tenho glorificado nos meus contos tudo o que é bom e santo, e amaldiçoado tudo o que é rude e mau; não podia tambem esquecer-me das dores da infancia que os teus olhos arrazados em lagrimas me estão ensinando a chorar!

Escuta-me, companheira das minhas tristezas e das minhas alegrias, que vou reparar o meu esquecimento.

Havia á porta de nossa casa formosa parreira, onde, nas aprazíveis tardes da primavera, a minha avó, que descance em paz, nos contava, a meu irmão e a mim, contos lindos, em quanto fiava, porque dizia ella e dizia bem:

—«Vale mais que estas crianças tentadoras estejam

aqui entretidas com as minhas anecdotas, que andem trepadas pelas parreiras e cerejeiras, despedaçando os vestidos.»

Estava uma tarde nossa mãe enferma n'uma cama, ainda que não gravemente, e meu irmão e eu escutavamos, segundo o costume, os contos de nossa avó, que de vez em quando interrompia a sua narração e deixava-nos por instantes para ir ver a doente, e perguntar-lhe com o maior carinho: «Queres alguma coisa, minha filha? Como te sentes?» compor-lhe a roupa da cama, e tornar a assentar-se para fiar á sombra da parreira.

—«Meus filhos, nos disse ao voltar de uma das vezes, roguem a Deus para que sua mãe se restabeleça, porque se Deus lh'a levasse, que seria de vossês?

—«N'esse caso, minha avó, nosso pae dar-nos-hia outra. Ao Joãozinho morreu a d'elle, e dizem que seu pae lhe vae dar outra que tem o nome de madrasta.»

Minha avó sorriu-se ao ouvir esta innocente observação, e meu irmão exclamou:

—«Madrasta é um nome feio!

—«Algumas das que se chamam assim, disse minha avó, são boas, e tão boas como as que se chamam mães; porém essas não custam a contar, porque o seu numero é limitado.

—«Diz o rifão: «Madrasta o nome lhe basta.»

—«E tambem diz: «Madrasta com enteada sempre andam á unhada.»

—«E é porque o demonio as dirige por mau caminho.

—«Sabe algum conto relativo a madrastas?

—«Sei, meus filhos.

—«Conta-nos?

—«Vou contal-o para demonstrar duas coisas.

—«Quaes, avó?

—«Que é grande infelicidade ficar sem mãe, e que Deus concede protecção aos fracos e desamparados, quando se tornam dignos d'ella.»

Minha avó foi outra vez ao quarto da enferma, e logo voltou para debaixo da parreira. Nós sentámonos a seus pés, e prestámos-lhe inteira attenção levantando as rosadas frontes como se quizessemos adivinhar as palavras da anciã antes que ella as proferisse.

II

«Viviam em Galdames, Martinho e Domingas, sua mulher, honrados lavradores que tinham tres filhas como tres rosas, chamadas a primogenita Isabel, a segunda Theresa, e a mais nova Mariquinhas.

«Uma tarde foi Domingas accommettida por doença grave, chamou o marido e disse-lhe:

—«Martinho, peço-te pelo amor de Deus que mandes chamar o sr. prior, porque eu vou morrer; porém, antes de ires, ouve-me. Quando eu faltar, como as nossas filhas ainda não pódem governar a casa, necessitarás de quem a governe; e como tu estás moço, tornarás a casar-te. Não posso impedir-t'o, porque entendo que em toda a casa onde não ha mulher não ha ordem; mas devo pedir-te, n'esta hora solemne, que se deres madrasta ás filhas da minha alma, não consintas que as maltrate, nem tu as maltrates por causa d'ella quando cumpram com o primeiro dever dos filhos, que é obedecer aos paes.

«Martinho observou a Domingas que não pensasse na morte, porque a sua doença não era mortal; e em vez de ir procurar o prior foi chamar o medico, depois de jurar á esposa que, se chegasse, por desgraça, o caso de ter de cumprir os seus preceitos, cumpril-os-hia fielmente.

«Não se enganára a pobre Domingas.

«Ha um anjo que, quando as mães vão morrer, lh'o segredam ao ouvido, para que tenham tempo de recommendar os filhos aos que possam amparal-os.

«Quando Martinho voltou com o medico, Domingas partíra-se para o ceo, depois de fazer jurar ás filhas que obedeceriam sempre a seu pae e á que lhes servisse de mãe.

«Decorreram muitos dias e muitos mezes, e a casa de Martinho estava em completa desordem, porque a mais velha das meninas não contava mais que oito annos.

—«Martinho, dizia ao honrado lavrador a sua visinha Romana, deixa-te de entristecer; procura mulher como te convém, que ahi não falta, e casa-te, para que essas meninas encontrem ordem no lar.

—«Dar madrasta a minhas filhinhas! —respondia Martinho, madrasta a minhas pobres filhinhas tão queridas e tão amimadas por aquella santa que está no ceo! Não se esforce para convencer-me, porque as mulheres estão de mais para mim no mundo.

«E o desventurado pae, caindo-lhe pelas faces grossas lagrimas, chamava para si as meninas, beijava-as com effusão, alisava-lhes os cabellos sedosos e loiros, e compunha-lhes os vestidos, em cujo desalinho se notava a falta de sollicita mão maternal.

«Passou um anno, e o pobre Martinho chegou a convencer-se de que a sua casa estava mal, muito mal e cada vez peior, sem mulher propria que a vigiasse, porque nem as meninas tinham quem as ensinasse a serem donas de casa, nem a roupa se cosia, nem se governavam os generos, nem se cuidava das gallinhas, nem se comprava regateando, como é necessario, nem se fazia nada em casa com acerto.

«Martinho entendia, com effeito, de tudo, como se fosse mulher, porque não é por isso que se deshonram os homens; mas os homens nasceram para serem taes e não para serem mulheres, e acontecia que indo tratar da sopa, em vez de partir o pão partia o tacho.

«Tomou infinidade de criadas; mas as criadas, em vez de pensarem na casa que deviam servir, pensavam nos noivos, que as perturbavam de suas obrigações; e o pobre Martinho andava, como se diz, sem camisa para vestir. Romana, que era boa visinha e mulher de bom senso, auxiliava-o algumas vezes; mas a pobre mulher tinha a tratar primeiro da sua casa que da casa do visinho.

«Um dia sentou-se Martinho á porta da rua, e, perdidas as esperanças de ver entrar na ordem o seu lar, cogitava no modo de sair da difficuldade sem tornar a casar-se, mas baldadamente. O que pensava não podia realisar-se. Quando a sua desesperação chegára ao cumulo, acertou passar por alli uma rapariga, que tinha boa fama na aldeia, comprimentou-a e decidiu-se a seguil-a.

—«Joaquina, lhe disse repentinamente Martinho, as minhas filhas não tem mãe que as estime e eduque, nem a minha casa tem ama que a governe. Queres casar commigo?

«Joaquina tornou-se vermelha como romã, e quiz desculpar-se dizendo que Martinho encontraria na aldeia raparigas mais louçãs e habilidosas que ella; mas, a final, deu palavra de casamento ao viuvo que a requestava. Tres semanas depois, n'aquelle mesmo sitio, ouviu-se alegre matinada. Os habitantes da aldeia queriam indicar com isto, segundo o costume popular, que se casára um viuvo.

«A casa de Martinho dentro de poucos dias transformára-se inteiramente. Era já exemplo de aceio e arranjo.

«Martinho ia aos domingos á missa com uma camisa mais alva que a neve, e melhor engommada que a del-rei.

«As meninas iam todos os dias á eschola, alegres como avesinhas dos bosques, córadas como as cerejas, e tão aceiadas que vêl-as era ver o sol radiante.

«A gata *Caroucha*, que d'antes passava dias e noi-

tes pedindo de comer com seus miaus desfallecidos, porque ninguem cuidava d'ella, ia-se pondo redonda como pélla, e lustrosa como veludo, e olhava até com desprezo os pratos de sopa em leite com que a nova dona a obsequiava.

«As gallinhas tornavam a saltar, a pôr ovos e a cacarejar.

«E o fiel galgo, que d'antes ganhava o sustento com o suor da pelle, caçando alguma lebre nas sebes circumvisinhas, dava-se agora á boa vida, dormindo sob as parreiras que cercavam as casas dos donos.

«Sorria tudo no lar de Martinho, como se alguem o houvesse abençoado.

«Desceria do ceo para elle a bençâo de Domingas?

«Quem sabe?

III

«Era por uma tarde de julho.

«Martinho, sua mulher, suas filhas e seu filho, levantaram-se da mesa, depois de agradecer a Deus o que lhes dera, e saíram para a sesta á sombra de formosas cerejeiras que havia defronte da casa.»

— Ó avósinha, interrompi quando chegou a este ponto a sua narração, vossemecê enganou-se. Disse que Martinho saíra de casa com a mulher, as filhas e o filho. Então Martinho contava algum filho?

— Martinho e Joaquina tinham já um menino de anno, que era gosto vêl-o.

— E como se chamava?

— Chamava-se Antonio, como tu. Martinho atirava com cerejas ás filhas, estas entretinham-se em fazer pingentes com ellas, e Joaquina amimava Antonio e levantava-o nos braços...

— Por que é que as mulheres fazem isso com os os filhinhos, que a todas vejo fazer outro tanto? Será para os divertir?

— É o pretexto, mas a verdade é que, como não ha uma só mãe que não tenha o filhinho como um anjo do ceo, ainda que seja mais feio que Picio, incham-se por isso de orgulho, e querem que o mundo inteiro os contemple... Mas deixem-me em paz e não me interrompam, que não é boa educação interromper as pessoas mais velhas.

«Joaquina, que era muito babosa, começou a dizer ao filho tantas tonterias e a dar-lhe tantos beijos e abraços, que o pobre anjinho suffocou-se e desatou em choro.

—«Não chores, meu cordeirinho! — dizia-lhe Joaquina. Por que choras, filho das minhas entranhas, mais formoso que um cherubim! Não é verdade, Martinho, que nem el-rei tem um filho como o nosso? Olha, olha, sorri-se... Ainda bem!

«Martinho tomou o menino nos braços, e começou a acaricial-o como sua mulher. As meninas, porém, e a mais nova principalmente, ficaram pensativas sem fazerem já caso dos pendentes das cerejas. Observando isto Martinho, entregou o menino á mãe com certa viveza, que Joaquina interpretou por desaffeição, pelo gesto que fez; e dispunha-se a perguntar ás meninas a causa da repentina seriedade, quando Mariquinhas contrahiu os labios, limpou com a manga do vestido uma lagrima, e correu a abraçar as pernas de seu pae, como se alguem a perseguisse.

—«Que tens, filhinha? — perguntou Martinho.

—«Já não me quer! — respondeu a menina cada vez mais compungida.

—«Não te quero?— replicou Martinho acariciando-a. Como pensas isso, louquinha, quando tu e tuas irmãs são a gloria de seu pae?

—«Ora vejam uma rapariga de seis annos ao collo! — exclamou Joaquina com despeito.

—«Deixa-a, mulher, disse Martinho em tom conciliador. São coisas de crianças, que tem inveja sempre que vêem amimar as outras.

—«A inveja tira-se com meia duzia de açoites bem dados.

—«Livra-te de fazeres tal, Joaquina.

—«Só quando não haja occasião. E não digas nada ás outras, que tambem parece que se amuaram. Ellas, porém, não tem culpa; quem a tem é seu pae com o mimo que lhes dá.

—«Joaquina, deixemo-nos de semsaborias, que não nos faltam no mundo sem que as procuremos.

—«Recommendo-te outro tanto. Essas meninas perdem-te? Verdade é que mais vale cair em graça que ser engraçado.

«Dizendo isto, Joaquina desatou em chorar copiosamente, e accrescentou, beijando o filhinho:

—«Filho da minha alma, muito desgraçado te fez Deus! Ninguem te ama senão tua mãe!...

—«Mulher! — exclamou Martinho mostrando-se irado, não digas desatinos nem me provoques... Pois eu não hei de estimar o meu filho!

—«O que vejo não careço de que ninguem m'o diga.

«Vendo Martinho que sua mulher não attendia a razões, que abusava da sua paciencia e da sua bondade, e que estas scenas se reproduziam quasi todos os dias, conservou-se por instantes calado, fez um esforço por tranquillisar-se, e a final disse em tom solemne.

—«Ouve-me, Joaquina, e não te esqueças nunca do que vou dizer-te! Ninguem no mundo prezará mais seus filhos que eu prezo os meus; ninguem no mundo estimará e respeitará mais sua esposa do que eu estimo e respeito a minha; e ninguem estará mais convencido que eu de que Deus impoz ao homem o dever de amparar e defender a mulher desamparada e debil por natureza; mas ninguem estará mais convencido que eu, de que a maldição de Deus cairá sobre os homens que esquecem os mortos e desamparam os orphãos. A mulher, que está no ceo, porque viveu e morreu santamente; a mulher, a quem amava como te amo, disse-me alguns momentos antes de voar para o ceo: «Se deres madrasta ás filhas da minha alma, não consentirás que as maltrate, nem tu as maltratarás tambem, logo que ellas cumpram com o primeiro dever dos filhos, que é obedecer aos paes.» Jurei áquella mulher cumprir a sua vontade, e estou resolvido a cumpril-a, não consentindo que ninguem maltrate essas meninas, que, além de me haverem sido recommendadas pela mãe na hora do passamento, e além de serem minhas filhas, tem o titulo mais santo e mais legitimo que as crianças podem invocar para exigirem o auxilio e o amor dos homens e das mulheres — o de não terem mãe!

«Joaquina baixou a cabeça como resignada e arrependida ao ouvir taes palavras.

«Martinho apertou-lhe a mão borbulhando-lhe nas faces duas grossas lagrimas de affecto, e a paz tornou n'aquelle instante a reinar entre a familia, pois quando os homens são generosos, delicados e bons, as mulheres, que devemos suppor mais obstinadas e teimosas que más, dizem, em fim, como o Senhor: «Faça-se a tua vontade.»

(Continua)

## BRINCANDO SE DIZEM VERDADES

O marquez de Fronteira e o de Tavora, que ambos aspiravam ao valimento do sr. rei D. Pedro II... estando conversando a uma janella das que caíam para o Terreiro do Paço, veiu por detraz o dito senhor, e, pondo-lhes as mãos sobre os hombros, lhes perguntou: *Em que discorrem os marquezes?* O de Tavora, que era prompto e vivo, lhe respondeu: *Estamos, senhor, vendo como nos havemos de enganar um ao outro, e ambos a vossa magestade.* (E o peior é que dizia a verdade!) D. Luiz da Cunha — *Carta ao principe D. José.*